

**A GRAMATICALIZAÇÃO DO ITEM AGORA  
NO PORTUGUÊS BRASILEIRO**

*Elane S. Calmon* (UFMG)  
[calmonliterat@yahoo.com.br](mailto:calmonliterat@yahoo.com.br)

O ITEM LEXICAL AGORA

Este trabalho constitui-se de uma análise do item *agora* para, posteriormente, estudá-lo sob a perspectiva da gramaticalização, através de um estudo diacrônico, de natureza quantitativa, em dois corpora: de 1986 e 2006, ambos de falantes da cidade de Belo Horizonte.

Investigo o item *agora* sob duas perspectivas: *agora* enquanto advérbio, com valor circunstancial, facilmente encontrado nas gramáticas tradicionais, classificado como advérbio de tempo, com valor de *neste momento*, que tratarei como *agora 1*; e também como conector, marcador discursivo, interjeição, expressão idiomática e outros segmentos, que tratarei como *agora 2*, cujas classificações que não foram encontradas, de forma categórica em gramáticas tradicionais.

Minha proposta de análise tem como principal objetivo descrever as ocorrências do item *agora*, entender seu funcionamento no português contemporâneo e buscar respostas para questões como:

- a) Como classificar esse item nas ocorrências novas nas quais vem aparecendo nos discursos falados e escritos?
- b) Será apenas uma coincidência o fato de o item *agora 2* introduzir sentenças interligadas sintaticamente, geralmente com progressão do discurso em direção contrária? Seria ele responsável pela força ilocucionária de uma sentença?
- c) Por que esse item não é indispensável nas sentenças onde é usado?

Estudos anteriores sobre o item *agora*, segundo teorias existentes entre os gramáticos tradicionais, consideram-no como advérbio de tempo. Entretanto, ao percorrer diversas fontes, encontrei algumas abordagens de estudiosos contemporâneos que já adicionam em suas teorias um novo olhar para as classes gramaticais consideradas *advérbio*.

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04**

Os gramáticos latinos traduziram o termo grego *epirrhéma* “acrescentado ao verbo” (gr. *rhéma* “verbo”) para *adverbium*. Estudiosos correlacionam o advérbio entre as “Classes das palavras” que, segundo a grande maioria dos gramáticos, dividem-se em dez: substantivo, adjetivo, artigo, numeral, pronome, verbo, (classes flexionáveis) *advérbio*, preposição, conjunção e interjeição (classes não flexionáveis) (SACCONI, 1995, p. 102).

Mattoso Câmara (1985, p. 115) define os advérbios em três princípios básicos: dois de natureza pronominal por sua função na comunicação linguística. Destinam-se a situar o evento comunicado no espaço ou no tempo em relação à posição espacial ou temporal do falante; são os advérbios locativos e os advérbios temporais. Os locativos se associam mórfica e semanticamente aos pronomes demonstrativos; os segundos situam o evento no momento da comunicação ou fora dele. Assim, nos advérbios locativos e temporais, há essencialmente uma indicação no campo mostrativo do falante; podem ter também um emprego anafórico, ao lado do emprego dêitico. Um terceiro grupo seria o dos advérbios de natureza nominal, qualquer que seja a origem de suas formas. Assinalam “modos de ser” de um evento e podem se chamar, em sentido genérico, advérbios modais. Neste caso, seria o que se refere a “palavra que modifica o verbo, o adjetivo ou outro advérbio”.

Em *Gramática Histórica da Língua Portuguesa* (1971, p. 194), Said Ali corrobora a teoria de Câmara. Também para S. Ali, “O advérbio é um vocábulo determinativo do verbo, do adjetivo e de outro advérbio. Acrescenta a estourtras palavras o conceito de tempo, lugar, modo, etc., que lhes delimita ou esclarece o sentido...”

Said Ali acrescenta que

Os advérbios *logo*, *agora* e *hoje* ocorrem às vezes acrescidos de outra locução adverbial de sentido equivalente, tendo este reforço por fim dar ao advérbio mais vigor e ênfase. Ao advérbio *agora* juntava-se pleonasticamente *est'ora*, tornando-se porém o sentido igual ao que hoje se diz por *agora mesmo*, *agora há pouco*.

Celso Cunha (2001, p. 543) denomina os advérbios como “aqueles que recebem a denominação de circunstância ou de outra ideia acessória.” Observa que “sob a denominação de *advérbio*, reúnem-se, tradicionalmente, numa classe heterogênea, palavras de na-

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04**

tureza nominal e pronominal, com distribuição e funções às vezes *muito diversas*.” (Grifo meu). Segundo ele, “por essa razão, nota-se entre os linguistas modernos uma tendência de *reexaminar* (Grifo meu) o conceito de advérbio, limitando-o seja do ponto de vista funcional, seja do ponto de vista semântico.” Também, para este estudioso da língua, *agora* é considerado advérbio de tempo.

Para Sacconi (1994, p. 252), o advérbio “é palavra invariável que modifica essencialmente o verbo, exprimindo uma circunstância de tempo, modo, lugar etc.” O item *agora*, para esse autor, seria classificado somente como *advérbio de tempo*, no que concerne o capítulo deste autor destinado ao que ele denomina “classes gramaticais”.

Curiosamente, esse autor, na mesma edição, (1994, p. 268), embora seja considerado um gramático de abordagem tradicional, afirma que as conjunções adversativas são “confundidas” (grifo meu) com outros tipos de conjunção. Apresenta como exemplo a sentença: “Gosto muito de Cristina, *agora*, beijar os pés dela eu não vou não.” Aqui, Sacconi apresenta o item *agora* com o mesmo valor da conjunção adversativa *mas*, que teria, repito, sido “confundida”.

Perini (2006, p. 118), que é um autor contemporâneo, afirma que

A categoria tradicional dos *advérbios*, assim como a dos *pronomes*, encobre uma série de classes, às vezes de um comportamento sintático radicalmente diferente. (...) Os advérbios estão muito pouco estudados em seu conjunto; temos apenas estudos parciais. (...) A definição de advérbio tradicional fala da propriedade de ‘modificar’ itens de outras classes – ou mesmo de ‘modificar o próprio advérbio’, o que introduz na definição um elemento de circularidade que a inviabiliza.

Para Perini, “não será fácil estabelecer uma classe que abarque a totalidade ou a maioria dos itens tradicionalmente chamados *advérbios* (...)” Segundo ele, tem-se, “na verdade, diversas classes, que podem sem dúvida agrupar-se, mas *difícilmente de maneira análoga à proposta pela análise tradicional*”. (Grifo meu).

Pelas definições encontradas, percebemos que não há um consenso entre os estudiosos sobre a real definição desse item, daí intensifica-se a necessidade de se aprofundar em uma análise mais meticulosa do termo.

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04**

### **1. O item agora nos português falado e escrito**

Ao fazer a análise de diversos usos do item lexical *agora* no português brasileiro contemporâneo, é possível observar que, além de “modificador do verbo, adjetivo e do próprio advérbio”, este item pode funcionar como conectivo de orações. Para ilustrar, apresento os exemplos seguintes, retirados dos dois *corpora*, 1986 e 2006, de revistas de circulação nacional, de redações de alunos de ensino médio e de livros conhecidos da literatura brasileira.

- (1) “Eu queria, ir... *agora*, se meu pai não deixar, o que fazer?” (Corpus 1986)
- (2) “*Agora*, se ele pensa que vai me passar para trás, está enganado...” (Corpus 1986)
- (3) “...bom, esses pratos não são mui::to trabalhosos, mas são demorados não é?... *agora* se você souber::... preparar a massa em casa... então você prepara... né?... se não souber é muito mais prático você ir ao supermercado comprar:: um pacotinho de lasanha (...) *agora* se você quiser prepará-la mesmo... então o negócio é fazer a massa... depois cozinhar essa massa... aí:: entra a dificuldade... porque na hora de cozinhar a massa (...) você tem que cozinhar com bastante água... (...) (DID SP 235:231-244)<sup>36</sup>.
- (4) “Ele nem tá aí pra mim... *agora*... se pensa que vou ligar, aí é outra conversa...” (Conversa de um aluno)
- (5) “Esse assunto encontra-se em grande discussão... *Agora*, falar sobre ele não é fácil não...” (Na mídia)
- (6) “Esse elemento está lá, na tabela periódica, *agora*, cê acha que os alunos se interessam em procurar...? (Um colega de trabalho)
- (7) “Eu tô trabalhando essa matéria, é difícil, *agora*, cê acha que os meninos aqui procuram ela na internet?” (Um colega de trabalho)
- (8) “O preconceito contra a mulher existe em grande proporção, *agora*, resolver esse problema não é problema só do governo, é de todos nós.” (Redação de aluno Ensino Médio)
- (9) “Eu até queria trabalhar, *agora*, tá faltando é vontade de ir, porque tô cheio daquilo lá...” (Um estudante)

Vejamos que, no exemplo (1), *agora* parece ter um valor contrastivo, com o mesmo valor da conjunção coordenada adversativa

---

<sup>36</sup> Palestra Ministrada por Ingedore Koch. Material recolhido. Ufes 2006.

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04**

ou equivalente, facilmente substituível por *mas*. “Eu queria, ir... *mas*, se meu pai não deixar, o que fazer?”

Já em (2), percebe-se que o valor do *agora* passa a ser do conectivo *e*, somando ideias entre as sentenças. O falante parece estar adicionando ao discurso algo como: “...e...se ele pensa que vai me passar para trás, está enganado...”

Podemos, também, analisar o exemplo (3) no qual percebemos um *talvez*, *quem sabe...*, ou seja, o item *agora* com valor circunstancial de dúvida. “...bom, esses pratos não são muito trabalhosos, mas são demorados não é?... *agora* se você souber:... preparar a massa em casa... então você prepara... né?...”

Em (4), temos esse item como marcador discursivo. Note que, mesmo apresentando uma pausa, ele não parece estar na sentença simplesmente para marcar esse tempo do falante. O *agora* parece estar reforçando o conectivo *se*, trazendo uma ideia de condição.

Em (5), (6) e (7), podemos observar que, embora esse item seja também substituível por *mas*, que poderia ser uma conjunção adversativa, ele também pode ser um marcador discursivo, o que me leva a crer que tanto o *mas*, quanto o *agora* nas três sentenças, têm função de marcador discursivo. “Eu tô trabalhando essa matéria, é difícil, *agora*, (*mas*) cê acha que os meninos aqui procuram ela na internet?” O que não ocorre no exemplo (8), cujo item, ao ser substituído por *mas*, assume o valor semântico de adversidade, portanto, uma conjunção adversativa. “O preconceito contra a mulher existe em grande proporção, *agora*, (*mas*) resolver esse problema não é problema só do governo, é de todos nós.”

Veja que, em (9), não conseguimos substituir o *agora* por *mas* ou outra conjunção com valor semântico de contraste. “Eu até queria trabalhar, *agora*, (*mas... no entanto... porque... portanto...*) tá faltando é vontade de ir, porque tô cheio daquilo lá...” Além da pausa, o fato de não conseguirmos substituir as conjunções me leva a classificar esse item como marcador discursivo.

Tradicionalmente, como o item *agora* é classificado como advérbio de tempo, classe invariável de palavra, modificador essencialmente o verbo, adjetivo ou o próprio advérbio, exprimindo uma circunstância de *já*. Seu valor sentencial, então, seria de apontar o

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04**

tempo presente do discurso, como se vê nos exemplos abaixo, todos retirados de Bechara, 2005, p. 288.

(10) *Agora* que tudo terminou, podemos retornar.

(11) Por *agora*, estão encerrados os trabalhos.

(12) *Agora* estamos vivendo melhor.

Ao observarmos os exemplos de (10) a (12), veremos que esse item funciona como advérbio exprimindo valor tempo, embora possamos também classificar (10) como locução conjuntiva adverbial que, sintaticamente, funciona como conjunção, exprimindo valor temporal, o que, de acordo com a gramática tradicional seria classificado como:

1ª oração, “podemos retornar...”, oração principal;

2ª oração, “*Agora* que tudo terminou...”, oração subordinada *adverbial temporal*.

Também podemos ver alguns exemplos em Sacconi, 1994.

(13) *Agora* (*neste momento*) é o momento de o presidente deixar o cargo.

(14) Vocês *agora* (*neste momento*) vão cumprimentar todos os convidados.

(15) *Agora* (*neste momento*) já sei por que ela me odeia.

Em (13), (14) e (15), também, o item funciona como “advérbio exprimindo valor de tempo”. Ao analisamos o *agora*, veremos que está exprimindo uma ação momentânea. Nesses casos, esse item realmente tem valor de temporalidade, já que foi usado para posicionar o interlocutor no momento exato, e seria substituível pelo “*já, neste momento*”, que é seu valor encontrado nas gramáticas tradicionais. Parece-me que essa seria uma forma de identificar o uso dessa classificação entre as demais.

Entretanto, há casos especiais, alguns já citados acima, os quais as gramáticas tradicionais não dão conta de classificar, já que não se enquadram no valor de *tempo presente: agora, já, nesse momento* como:

(16) “*Agora* eu era herói, e o meu cavalo só falava inglês...” (C. Buarque)

(17) “...não ...o mais velho tá com... vai fazer vinte anos, *agora* em...no dia dez de novembro...” (Corpus, 1986)

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04**

Note-se que em (16) o item *agora* traz uma noção de tempo, mas não se refere ao presente, mas a um passado “próximo”, já que o locutor volta ao tempo de criança, mas o acontecimento está “recente” em sua mente.

Em (17), o item passa a trazer uma noção de tempo futuro, e o *agora* passa a ser um dêitico indicando um futuro que também parece ser próximo. Perceba que esse item não significa “já”, mas refere-se a uma data que está próxima do tempo do discurso dos falantes.

Também há casos em que o falante parece não estar esboçando sentido ao usar o item *agora*, parece usá-lo para marcar uma pausa, pois ainda não sabe o que vai dizer, como se vê nos exemplos (18) e (19) abaixo:

(18)“...eu tenho um irmão, mora no Rio, irmão de pai, de pai e mãe...*agora*... eu tenho um irmão parte de pai, né?...”

(19)“...cê toma uma varinha com uma linha, com anzol, uma minhoquinha, se tiver peixe, pesca...*agora*...eu sou um dos pescador que...*agora*... eu não consigo fazer disso, que é errado...”

Em (18) e (19), pelo fato de o falante parecer marcar uma pausa para o ato da fala, considero que o item *agora* participa como marcador discursivo, recurso usado em situações muito comuns entre os falantes. Podemos perceber que, ao usar o *agora*, o falante realiza uma função que pode ser considerada similar a outros marcadores como: *é...*, *ai...*, *mas...*, *então...*, como se estivessem buscando seus próprios recursos para se expressarem, sem que, necessariamente, esses marcadores tenham algum significado. Curioso, entretanto é atentar para o fato de que, retirando o item da sentença, ela parece perder sua força ilocucionária. Que há aí nesse item, que parece não ter significado, mas não deve ser retirado da frase?

É interessante observar também que esses “novos” valores agregados ao item *agora* não se limitam à fala. Em revistas de circulação nacional e de clássicos da literatura brasileira, é também possível encontrar ocorrências como as que listei acima, o que me leva a crer que esse item já está gramaticalizado não só na fala, mas também na escrita. Abaixo, alguns desses exemplos:

(20)Não se conhece a causa exata da doença, mas sabe-se que há um componente genético na sua transmissão”, afirma o psiquiatra Almir Tavares, da UFMG. *Agora*, é bom lembrar que nem todo mundo que

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04**

fala palavrão sofre dessa doença – na esmagadora maioria dos casos trata-se simplesmente de falta de educação. (*Maria Dolores. Superinteressante*, maio, 2004, p. 10)

(21)[...] Saber Química é dominar a linguagem química. E assim por diante. Tudo isso é questão de linguagem. No Brasil, questão de português. *Agora*, entre nós, nas nossas escolas, todos cuidam de ser professores de português?[...] (*Revista Mundo Jovem*. Fevereiro de 2008, p. 19)

(22)Gato veio logo sorrindo:

- Tu não é um frangote que fica na esquina toda noite?

- Quem fica na esquina sou eu. *Agora*, essa coisa de frangote... (*Capitães de Areia*. Jorge Amado. Record. 64ª ed. p. 40. Publicado em 1937)

(23)Fabiano se encolhera. Bem, bem. Deus o livrasse de história com o governo. Julgava que podia dispor dos seus troços. Não entendia de imposto.

- Um bruto, está percebendo?

Supunha que o cevado era dele. *Agora*, se a prefeitura tinha parte, estava acabado. Pois ia voltar para casa e comer a carne. Podia comer carne? Podia ou não podia?! (*Vidas Secas. Graciliano Ramos*. Record. 78ª ed. p. 95. Publicado em 1938)

(24)Mercúcio não era muito melhor, personificado pelo cômico boçal que interpelava ditos de sua lavra e estava nos melhores termos com a plateia. Os dois, tão grotescos como o cenário de barracão de feira. *Agora*, Julieta...! Imagine, Harry, uma menina de uns dezessete anos... (*O Retrato de Dorian Gray*. Tradução de Pietro Nassetti. Ed. Martin Claret. 2002, p. 52)

(25)Tratava-se, realmente, de indivíduos suspeitos. Mas a suspeição que irradiavam era de natureza especial. O rapaz do posto – já é tempo de chamá-lo Marcos, pois assim fora batizado e registrado – imaginara no primeiro instante que fossem ladrões. Depois, pela excentricidade dos trajés, supusera-os, simplesmente loucos. *Agora*, *percebia* neles a majestade, ao mesmo tempo glorioso e simples, de personagens de histórias de infância, no Nordeste, quando Carlos Magno ia com ele morro abaixo, morro acima... (*Poesia Completa*. Carlos Drummond de Andrade, 1973, p. 1060)

Como podemos perceber, atores consagrados da literatura, assim como editores de revistas de circulação nacional, estão fazendo uso do item *agora* de uma forma diferente das encontradas nas gramáticas tradicionais, reforçando mais uma vez, a gramaticalização do termo.

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04**

Esperava-se que o uso do item *agora* fosse uma forma inovadora, mas, como se pode ver, encontrei num romance de 1883 o uso desse item como ideia adversativa:

(26) De manhã, se quiseres o café na cama, também terás o teu café e, quando estiveres aborrecido no quarto, tens o salão, tens a sala de jantar, a chácara, o jardim; finalmente tens tudo às tuas ordens!

- *Agora*, quanto a certas visitas... concluiu João Coqueiro, fazendo-se muito sisudo e abaixando a voz, - isso, filho, tem paciência... Lá fora o que quiseres, mas daquela porta para dentro... (*Casa e Penção. Alúcio Azevedo. p. 84, lançado em 1883*)

Também, para ilustrar o uso desse item, percebemos que, com grande frequência, os alunos estão usando nas redações o item *agora* para marcar a conclusão dos textos.

(27)[...] O povo não sabe entrar em comum acordo para reivindicarem seus direitos, todos querem, mas poucos tem a coragem de enfrentar a essas dificuldades, e acaba ficando do jeito que está, e ainda os políticos acabam dando aquele velho “jeitinho brasileiro” de esconder tudo por debaixo do tapete.

*Agora*, os sonho de tudo isso mudar é possível; é muito difícil de se responder, mas a esperança é a última que morre, e então, o que nos resta é ter esperança [...] (*Texto transcrito tal qual o aluno redigiu. M. S. F. Aluno de Ensino Médio*)

Veja que o estudante usou o *agora* como articulador conclusivo, fato que pude perceber também no exemplo (20), retirado da Revista *Superinteressante*.

São muitas as funções utilizadas pelos falantes ao usar o *agora*. Encontrei, nos dois *corpora* alguns exemplos, para os quais ainda não encontrei solução e que merecem ser destacados:

(28)...se você ficá agarrado ali... aí depende de seu pensamento, do seu modo de ver as coisa... se você de repente... você quiser... aí... e *agora*?...

(29)“Nó... na sua casa também tinha confusão?... *Agora* cê vê... aquilo foi uma coisa que teve que passá na sua vida, né?...”

(30) Conheci o Nelsinho... *agora* cê vê...o bem vem depois...

(31)...aí eu falei: e *agora*?... a roupa!...

(32) Ah.... eu tô querendo ir pra´í *agooora*....

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04**

(33)...aí foi eu e mais três... quatro... quatro mulheres... mas... bebe... só duas...duas... só no suco...três no suco...e eu e a Adriana, que é...que dirige...mas bebe...nossa senhora!...também, depois, na hora que vem a conta...*agora*?...aí elas..nossa senhora!! Aí eu falei: nossa? *E* o tanto que ocês beberam? *agora*?...eu falei ó... (Elas mora aqui perto?) Elas? Não...

Observe que não conseguimos encontrar solução para os exemplos de (28) a (33) em nenhuma gramática tradicional.

Em (28), (31) e (33), ao dizer “...e agora?”, o falante não está expressando ideia de *já*, *neste momento*, portanto, como podemos classificar esse item como advérbio? Veja que não posso substituir por: *...e já? E neste momento?* Seria, então classificado como um pronome interrogativo?

A expressão “...*Agora* *cê vê*...”, em (29) e (30), foi encontrada em diversas partes dos dois corpus analisados. E aí? O que o exemplo nos traz? Não é advérbio com valor temporal. O que seria? Talvez uma expressão idiomática?

No exemplo (32) *agora* pode ser considerado um advérbio de tempo, mas observe que, para explicitar para o interlocutor que tem valor de *neste momento*, esse item vem acompanhado de um intensificador. “Ah.... eu tô querendo ir pra’í *agooooora*...”

Outra observação interessante, encontrada também em ambos os corpus, foi o uso de *agora* como pleonástico do articulador adversativo *mas*. O falante, que já usa a expressão pleonástica *mas porém*, também está utilizando o *agora* no lugar desse *porém*, como podemos ver em (34):

(34)...o pessoal vai na boteia lá... boteia aqueles rios..boteia...é...**mas agora**... (*mas porém*) lá em Passagem...eu acho que eles tão explorando a mina lá só pra...assim... futuristicamente...

Assim, os exemplos (alguns retirados de diversas fontes, além do corpus, no intuito de engrandecer o trabalho) mostram que os usos do *agora* se confundem no processo interativo da língua, surgindo, assim, a dificuldade de se classificar, de maneira estanque, se o *agora* está sendo usado como conjunção, como advérbio, pronome interrogativo, expressão idiomática, interjeição, como um marcador discursivo, ou ainda se seu valor temporal está sendo usado realmen-

## ***Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04***

te com ideia de tempo presente, com valor de *já, neste momento*, conforme comumente encontramos nos livros didáticos.

Está claro que este item, cujo uso tradicional vincula-se à categoria de advérbio de tempo, passa a ser usado com outras funções desvinculadas dos valores gramaticais tradicionalmente conhecidos. Esta trajetória evidencia-se, num primeiro momento, com a ampliação da referência temporal do momento presente para momento futuro ou para o passado. Além dessa trajetória temporal, o termo vai abandonando características de sua categoria gramatical de advérbio, passando a exercer uma função como conector ou operador discursivo e outras classificações, como foram exemplificadas neste artigo.

### ***2. A partícula mas***

Em grande parte, o item *agora* se enquadra na categoria gramatical de conjunção com valor circunstancial de adversidade. Como pretendo mostrar que o item *agora* “amarra” orações dando ideia de contraste, achamos interessante abrir um espaço para o item *mas*.

Segundo Sacconi (1995, p. 330), *mas* é um item que ressalva pensamentos, podendo indicar ideia de oposição, retificação, restrição, compensação, advertência ou contraste.

Para Lins (2007, p. 135), o item *agora* é um amarrador textual de porções de informação progressivamente liberadas ao longo da fala.

Cunha (2001, p. 585) afirma que *mas* é uma partícula que apresenta, além da ideia básica de oposição, valores de contraste e afetivos – atenuação, adição, restrição, retificação e mudança na sequência do assunto.

Koch (1989, p. 35) define *mas* como um “operador que contrapõe argumentos orientados para conclusões contrárias”.

Rodrigues (1995) sublinha seu caráter de marcador conversacional e índice contrastivo.

Para Neves (2000), a conjunção *mas* apresenta dois valores: o de contraposição e o de eliminação.

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04**

Segundo Bechara (2005, p. 322), algumas unidades adverbiais não são conjunções coordenativas, pois *desempenham funções diversas*. (Grifo meu). Para ele, não sendo próprio do advérbio exercer o papel de um conector, ele poderia aparecer até em uma oração subordinada, para marcar essa relação semântica entre os dois enunciados. A conjunção *mas* apenas indica o tipo de relação semântica de contraste.

Como se vê, uma das possíveis identificações do item *agora* seria como conector adversativo, substituível por *mas*. Entretanto, como se vê, o *mas* também tem diferentes funções no discurso, o que nos deixa ainda mais apreensivos ao definir o uso do item *agora*.

### **3. Conclusão**

De acordo com Fiorin (2004:166), “o conhecimento do *sistema da língua* é insuficiente para entender certos fatos linguísticos utilizados numa situação concreta de fala” (grifo meu).

Chamo a atenção para a necessidade de pesquisar minuciosamente esses variados usos do *agora* e observar atentamente as classificações possíveis para que, após conseguir um critério quanto a análise, possamos estudá-lo no âmbito da noção da gramaticalização e entender o processo de mudança pelo qual passa esse item, confirmando que o paradigma da gramaticalização é capaz de explicar os diferentes usos do item *agora*. Antes, primeiro, é necessário definir como identificar seus diversos usos, tarefa que, como se viu, não é nada simples. Após esse primeiro e complicado passo, podemos então, responder às questões (i), (ii) e (iii) colocadas na introdução deste artigo.

### **REFERÊNCIAS**

ALI, M. S. *Grammatica histórica da língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 1931.

\_\_\_\_\_. *Gramática secundária e gramática histórica da língua portuguesa*. Brasília: Universidade de Brasília, 1964.

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04**

\_\_\_\_\_. *Gramática histórica de língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1971.

ANTUNES, I. *Lutar com palavras. Coerência e coesão*. Rio de Janeiro: Parábola, 2007.

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

CÂMARA Jr., J. M. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970.

CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FIORIN, J. L. A linguagem em uso. In: \_\_\_\_\_. (org.). *Introdução à linguística – objetos teóricos*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

HOPPER, P. J. On Some principles of grammaticalization. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (Eds.). *Approaches to grammaticalization*. Philadelphia: John Benjamins Company, 1991.

KOCH, I. G. V. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2002.

\_\_\_\_\_. *Introdução à linguística textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

LABOV, W. *Principles of Linguistic Change: internal factors*. Oxford: Blackwell, 1994.

MARINHO, J. H. *O funcionamento discursivo do item on-de: uma abordagem modular*. Belo Horizonte: UFMG/FALE, 2002. Tese de Doutorado.

MARTELOTTA, M.; VOTRE, S.; CEZARIO, M. M. (Orgs.). *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.

NEVES, M. H. de M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Unesp, 2000.

### ***Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04***

PAIVA, M. da C. de. A ordem não marcada dos circunstanciais locativos. In: LINS, M. da P.; YACOVENCO, L. C. *Caminhos linguísticos*. Vitória: NUPLES, 2002.

PERINI, M. A. *Gramática descritiva do português*. São Paulo: Ática, 2006.

RAMOS, J. Avaliação de dialetos brasileiros: o sotaque. *Revista de Estudos da Linguagem*. Ano 6, no. 5, jan./jun. 1997. Belo Horizonte: UFMG, 1997.

SACCONI, L. A. *Nossa gramática prática*. 14. ed. [s.l.]: Atual, 1995.

TARDIN, M. M. T. O uso da forma onde e sua trajetória de Mudança. In: LINS, M. da P.; YACOVENCO, L. C. *Caminhos linguísticos*. Vitória: NUPLES, 2002.

TRAUGOTT, E. C. & DASHER, R. B. *Regularity in Semantic Change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

VITRAL, L.; RAMOS, J. *Gramaticalização, uma abordagem formal*. Belo Horizonte: UFMG/Fale, 2006.